



LISBOA, CAPITAL DA ARTE URBANA

LISBON, CAPITAL OF URBAN ART

Jorge Ramos Carvalho - Silvia Câmara

Departamento de Património Cultural. Câmara Municipal de Lisboa
gau@cm-lisboa.pt

Abstract:

Five years ago the GAU (Urban Art Gallery) in Lisbon was inaugurated as an initiative of the Câmara Municipal regarding the inhabitants of Barrio Alto and a group of urban artists.

Since then, through the activity, national and international, of the GAU Lisbon has become one of the leading cities for street art.

In this article, we reproduce an initial text of the GAU illustrating the project and its role in the process of city making.

Key Words: Urban Art, Street Art, Graffiti

Resum

Fa cinc anys, s'inaugurava la GAU (Galeria d'Art Urbà) a Lisboa com una iniciativa de la Câmara Municipal en relació amb els habitants del Barri Alt i un conjunt d'artistes urbans.

Des de llavors, gràcies l'activitat, nacional i internacional, de la GAU ha convertit Lisboa en una de les ciutats de referència per a l'art urbà.

En aquest article reproduïm un text inicial de la GAU que il·lustra el projecte i el seu paper en els processos de fer ciutat.

Paraules clau: Art Urbà, Street art, Graffiti

Resumen

Hace cinco años se inauguraba la GAU (Galería de Arte Urbana) en Lisboa como una iniciativa de la Câmara Municipal en relación con los habitantes del Barrio Alto y un conjunto de artistas urbanos. Desde entonces, la actividad nacional e internacional de la GAU ha convertido Lisboa en una de las ciudades de referencia para el arte urbano.

En este artículo reproducimos un texto inicial de la GAU que ilustra el proyecto y su papel en los procesos de hacer ciudad.

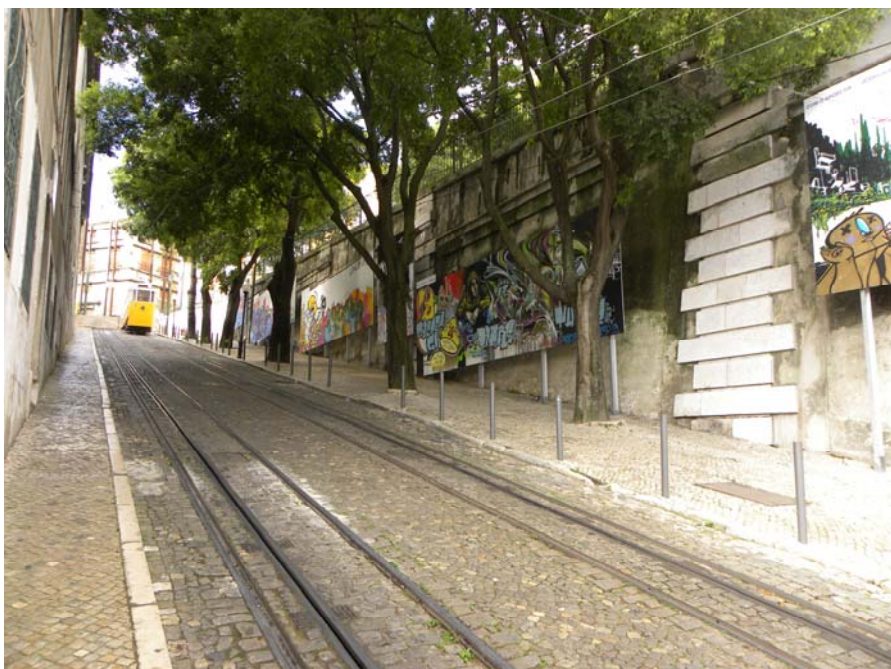
Palabras claves: Arte Urbano, street art, graffiti,

LISBOA: CAPITAL DA ARTE URBANA

1. O aparecimento da Galeria de Arte Urbana

A um programa de remoção de graffiti e outros registos de street art patentes nalguns dos principais eixos urbanos do Bairro Alto, plano que implica a participação dos próprios habitantes na preservação e manutenção do novo estado de conservação daquela área, associou-se, em Outubro de 2008, a criação da Galeria de Arte Urbana na Calçada da Glória por parte da Câmara Municipal de Lisboa. A iniciativa foi co-suportada pelo patrocínio da marca Friday's Project, integrada no grupo empresarial Regojo pertencente à sociedade Esoj Moda, com a qual a edilidade estabeleceu um protocolo no sentido da promoção e sensibilização para as práticas da street art. Foram realizados, para a sua inauguração, wall of fame concebidos por writers nacionais, nos cinco painéis que então integravam a Galeria. E no âmbito da sua actuação, organizou-se em Dezembro de 2008, no antigo edifício da Capital, à Rua do Norte, mais uma edição da VSP – Visual Street Performance e já em 2009, a sua VII Edição, desta feita na Escola das Gaivotas.





*Galeria
Arte
Urbana
na
Calçada
da Glória*

Assim, se por um lado se implementou uma estratégia simultaneamente dirigida à limpeza de imóveis da zona, à inibição e, logo, à prevenção do aparecimento de novas intervenções, libertando a zona de um aspecto geral de decadência e até de alguma agressividade e insegurança, que parecia constituir já um dos seus traços identitários, ou seja, se por um lado se lançou uma campanha contra actos vandálicos, agressores do ambiente visual do Bairro Alto, por outro o município decide confirmar o graffiti e a street art como reconhecíveis e reconhecidas expressões de arte urbana, como uma subcultura artística globalmente presente nas metrópoles mundiais, disponibilizando um espaço e um tempo próprios, na Galeria da Calçada da Glória.

Como tutela que salvaguarda, conservando, investigando, divulgando globalmente, a arte pública da cidade, a Câmara Municipal procura desenvolver uma gestão democrática das suas mais distintas facetas plásticas, na busca de uma consensual, pacífica, mas relacional co-existência entre discursos que podem adquirir, por vezes, concretizações dificilmente compatíveis no quadro da conservação e restauro dos múltiplos bens em causa. Referimo-nos a certas incursões de street art ou de graffiti, frequentemente no formato de garatujas selvagens, sem qualquer preocupação estética e por vezes com deliberada intenção flageladora, realizadas sobre bens artísticos que são património, legado e memória de todos os cidadãos - estes são inquestionavelmente gestos que se inserem nas práticas do vandalismo que importa debelar e acautelar. Mais, são intervenções não reconhecidas, nem respeitadas pelos próprios writers que pretendem igualmente assegurar a distinção entre as suas criações e aquelas investidas ofensivas para a integridade dos inúmeros objectos artísticos patentes na malha urbana.

Importa pois traçar uma fronteira, ainda que por vezes sinuosa e bastante ténue, temos de o admitir, entre os dois tipos de registos, limite reforçado pelo acto de

criação da Galeria de Arte Urbana, prioridade que as suas futuras actividades deverão continuar a prosseguir.

2. Sumária história do graffiti e da street art

Na realidade a história do graffiti remonta à Antiguidade Clássica, nomeadamente a inscrições de palavras e poemas já patentes nas ruas de Pompeia, tendo o termo nascido na transição do séc. XVIII para o XIX, entre os visitantes daquelas ruínas¹. Nos anos 60, do século passado, em Nova Iorque, membros de gangs traçaram os seus primeiros tags como forma de delimitação de território, técnica que se mutou em composições de elevada sofisticação plástica e que rapidamente se transformou num espontâneo e autodidacta movimento. Um dos seus primeiros defensores tratou-se do prestigiado escritor norte-americano, Norman Mailer que, em 1974, numa edição dedicada ao tema, redigiu no seu reconhecível discurso: «*What a quintessential of cool and style to write your name in giant separate living letters, large as animals, lithe as snakes, mysterious as Arabic and Chinese curls of alphabet, and to do it in the heat of a winter night when the hands are frozen and only the heart is hot with fear.*»²



Gêmeos and Blu. Projeto CRONOS. Prédio na Fontes Pereira de Melo, 2010

¹ Cedar LEWISOHN, Street Art, The Graffiti Revolution, London, Tate Publishing, ,

² Frank COFIELD, Vandalism & Graffiti – The state of the art, London, Calouste G 2u0lb0e8n, kpia. n2 6F oundation, 191, p. 64

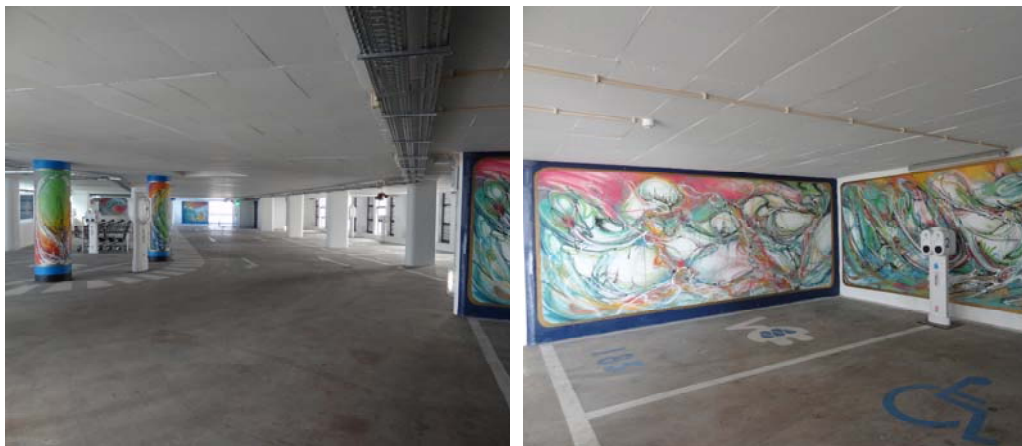


SAM 3. Projeto CRONOS Prédio na Fontes Pereira de Melo, 2010

Nos anos 80, quando o fenómeno começava a extravasar para paragens europeias, acrescia-se-lhe uma dimensão musical, com o iconografia do hip hop a ir beber aos escritos graffiti . No final dessa década, vários galeristas começaram a interessar-se por esta pujante expressão pictórica e o graffiti entrou no mercado artístico com o comedido formato de telas. Vários foram os autores que fizeram esse percurso, nos casos que vamos mencionar de algum modo associados à Pop Art e em particular ao círculo de Andy Warhol, como Keith Haring e Jean-Michel Basquiat, pioneiros da street art que haviam iniciado as suas carreiras nas ruas e posteriormente se firmaram junto dos habituais meios de exibição, promoção, crítica e investigação artísticas. Hoje, o writer conhecido por Banksy, apesar de praticamente anónimo, um dos mais populares autores envolvidos neste movimento, pode vender as suas obras nas mais prestigiadas leiloeiras internacionais, por largas centenas de milhares de dólares.

Também a publicidade, com uma visão sempre atenta a novos fenómenos gráficos, se apropriou destes vocabulários e trabalhou-os no branding, bem como várias marcas, dirigidas a um mercado jovem, aplicaram sobre os seus produtos as singulares gramáticas graffiti. Estas intervenções expandiram-se, portanto, a partir dos habituais lugares de acção, para territórios de maior convencionalidade, institucionalidade, comercialidade, abandonando, em parte, certo cariz de subversão e de marginalidade que originalmente assumiam, como claramente o demonstrou a grande mostra organizada sobre esta temática, no ano de 2008, pela

Tate Modern, na qual estiveram presentes alguns dos seus maiores vultos internacionais.



Restauro do antigo mercado do Chão do Loureiro, reconvertido em parque de estacionamento. Cada andar com trabalhos de graffitters

Na esteira dos murais de propaganda política concebidos na Av. 24 de Julho, aquando do PREC, na história do graffiti e da street art em Lisboa, destacamos algumas obras, entre elas os dois murais da Abraço, realizados em 98, junto às Amoreiras do lado de Campo de Ourique, por André, um dos internacionalmente prestigiados writers, permanecendo um deles ainda no local. E também com parcial legalização no final da década de noventa, outra grande intervenção num longo muro junto às Amoreiras, desta feita no lado de Campolide, que permanece até hoje como um dos mais prestigiados trabalhos da capital e que ainda continua a ser intervencionado. Na zona oriental da cidade, distinguimos o famoso mural da Ice Tea executado por Pedro Neves e Obey, e no Parque das Nações, projectada aquando da Expo '98, uma intervenção de calçada concebida por Rigo, criador nacional radicado nos Estados Unidos, que tem uma abundante produção no domínio da street art. Já no séc. XXI, salientaríamos o contributo da VSP - Visual Street Performance, a decorrer anualmente desde 2004, para a divulgação e promoção do movimento graffiti.

3. Algumas Estratégias de Combate Anti-vandálico

Entre as muitas estratégias, abordadas como tentativas de resolução do problema, destacamos o caso da cidade de Bruges, na região da Flandres (Bélgica), em cujo o centro, registos de graffiti e street art começaram a provocar danos com efeitos cumulativos cada vez maiores nas ruas, edifícios de relevante interesse patrimonial, bem como em peças de escultura urbana. Em 1996, as autoridades locais abordaram o graffiti com recurso a uma “política positiva”: por um lado, foi oficialmente reconhecido como uma forma de arte cidadina, mas por outro, como acto de vandalismo tratado de forma repressiva. O projecto denominado “Graft’N Art, a Positive Graffiti Policy in the City of Bruges”, foi vencedor do “European Crime

Prevention Award”, em 2001, promovido pela “European Crime Prevention Network”.

No final de 2006, em Budapeste, na Hungria, a polícia solicitou às entidades que governam a cidade, a disponibilização de zonas para os writers executarem os seus trabalhos. Em Portugal, a Câmara Municipal de Oeiras circunscreveu desde há já alguns anos, uma zona oficial de graffiti e organiza anualmente várias actividades destinadas a writers e público em geral, tendo um dos seus últimos projectos se concretizado num concurso para a elaboração de pinturas na pista de skate de Oeiras, decorrido no ano transacto.

Frank Coffield, na sua obra “*Vandalism & Graffiti, The state of the art*”, descreve um projecto desenvolvido em Southampton, na Inglaterra, no qual as autoridades locais solicitaram a writers que propusessem trabalhos, previamente aprovados, a serem concebidos num parque de estacionamento totalmente vandalizado e que constituía um espaço inseguro e intimidativo para os utilizadores.

Segundo Coffield, esta manifestação autorizada da criatividade graffiti, reduziu aparentemente os níveis de criminalidade e melhorou as relações entre a comunidade em geral e os adolescentes, necessitando ser «*devidamente avaliada, publicitada e introduzida noutras locais*»³.

Refere ainda a campanha implementada pelas autoridades nova-iorquinas que conseguiram proceder à limpeza e manter nessas condições, cerca de 6000 carruagens de metropolitano, num intervalo de cinco anos, no decorrer da década de 80. A sua actuação revestia-se de três elementos chave: primeiro, todas as inscrições deveriam ser removidas num espaço de tempo nunca superior a duas horas ou a carruagem seria retirada de circulação, impedindo assim que fossem observadas pelos utentes, possivelmente um dos principais objectivos dos seus executores. Segundo, a gestão do metropolitano disponibilizou todos os meios necessários para o cumprimento de tão elevados objectivos. Terceiro, todas as entidades e serviços envolvidos, entre eles a polícia, os condutores, o pessoal da limpeza encontravam-se devidamente coordenados e a sua taxa de sucesso era regularmente ponderada⁴.

Em termos gerais, entre outras abordagens, o mesmo autor salienta um tratamento “situacional” do problema do vandalismo que proclama a necessidade de envolvimento da sociedade local na preservação e controlo da situação, «*de modo a reduzir o nível de medo da criminalidade, reforçar a coesão da comunidade e restaurar a confiança na polícia e na justiça criminal, um passo em frente em relação à tradicional resposta ao crime, focada apenas nos criminosos*»⁵. No entanto, alerta-se também para a insuficiência desta abordagem, que deixa de lado os planos organizacional e político, dos quais deverão partir tais programas⁶ e recomenda-se uma intervenção que implique os diferentes agentes sociais e políticos, actuante a diferentes níveis, com um tratamento mais alargado das necessidades dos

³ Frank COFIELD, *idem*, p. 6, tradução livre

⁴ Cf. *ibidem*, p. 68

⁵ Frank COFIELD, *idem*, 94, tradução livre

⁶ Frank COFIELD, *idem*, 97, tradução livre

adolescentes e jovens, evitando-se assim, uma exclusiva concentração na redução do vandalismo⁷.



Esta campanha foi galardoada com “Ouro” na 14ª edição do Festival do Clube do Criativos de Portugal e com o Leão de Bronze na categoria de Relações Públicas em Cannes, prémios atribuídos ao nosso parceiro Torke. “Reciclar o Olhar”, compreendendo intervenções artísticas em vidrões, espalhados por toda a cidade.

4. Linhas de Actuação

Na sequência do explanado e não penetrando em campos que em muito poderiam ultrapassar o sentido da existência da Galeria de Arte Urbana, pois tratam-se possivelmente de políticas a serem incrementadas por outros meios da edilidade ou até da Administração Central, importa reclamar para a sua actuação um conjunto de prioridades artísticas, culturais, educacionais e sociais, atendendo a que o graffiti constitui um movimento artístico que repercute fortemente todas essas dimensões. Ponderando ainda o facto de corporizar, por enquanto, o único espaço galerístico do género existente na capital, propõe-se subsequentemente, um plano de actividades para o presente ano.

- a) A Galeria deve acolher criações não só de autores nacionais mais reconhecidos, mas igualmente de novos nomes que recentemente surgiram na cena graffiti e da street art do país e que vão progressivamente conquistando o seu espaço nas ruas de Lisboa, no reflexo da existência de cerca de seis gerações de writers portugueses.
- b) Sempre que possível, deve igualmente promover intervenções de criadores estrangeiros que possam contracenar com os nacionais, de forma a reforçar o reconhecimento internacional do espaço. E até promover a deslocação de criadores portugueses a eventos no exterior. Como se afirmou antes, o panorama do graffiti e da street art assume, no presente, contornos totalmente globalizados.

⁷ Frank COFIELD, idem, 101, tradução livre

c) Através da colaboração de writers, deve ainda proporcionar a aprendizagem das suas técnicas e discursos junto dos públicos interessados.

d) Deve estabelecer uma forte ligação com a comunidade local. Não apenas com os habitantes e comerciantes, mas ainda com os estabelecimentos de ensino e outras instituições que se encontrem instaladas no Bairro, como galerias, teatros, bibliotecas, museus, colectividades e associações. Necessariamente com as Juntas das Freguesias que ali confluem e com entidades que de algum modo partilham espaços contíguos à Galeria, como a Carris e a Santa Casa da Misericórdia. Todos poderão ser certamente aliados no reconhecimento e promoção do seu papel, se se encontrarem sensibilizados, conhecerem um pouco melhor o universo do graffiti e o distinguirem de actos vandálicos, no contexto da arte urbana e do património artístico e cultural da cidade.

e) A Galeria poderá usufruir de dois espaços adjacentes – Jardim S. Pedro de Alcântara e Largo da Oliveirinha - organizando ali paralelamente actividades, que despertem, no caso do primeiro, para o seu valor patrimonial e para a recentemente efectuada intervenção de reabilitação.

f) E ainda neste âmbito, poderá alargar o seu espaço expositivo e de acção a outras zonas no Bairro alto, como tem acontecido no antigo imóvel da Capital ou a outros lugares na cidade, tecendo assim um rede de locais de concepção, promoção e sensibilização para o graffiti e para a street art.

g) Deverá estabelecer pontes de diálogo com outros municípios que, no país ou no estrangeiro, tenham criado espaços similares ou concretizado relevantes actividades, estratégias e políticas neste domínio.

h) Poderá promover a investigação, o estudo e o levantamento destas expressões artísticas, apoiando o seu registo e/ou a sua publicação, realizando seminários e conferências, ciclos de cinema e de documentário, itinerários e visitas guiadas.

i) E ainda na área das edições, poderá publicar pequenos catálogos ou vídeos dos diferentes ciclos de intervenções que forem ocorrendo.



GAU. A revista da Galeria de Arte Urbana de Lisboa.
<http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais>

Referências

blog <http://gau-lisboa.blogspot.com/>

site: www.galeriaurbana.com.pt